

ENTREVISTA

COM A PALAVRA, O EDITOR OSWALDO SICILIANO

*Entrevista a Adilson José Gonçalves**

O mercado livreiro no Brasil é incipiente frente à sua população e as estimativas de outros países. Se na atualidade constatamos a existência de três mil livrarias, o que indicaria um número significativo, haja vista o número de aproximadamente seis mil municípios espalhados por todo o território nacional, no entanto, é pouco expressivo, pois pelo menos metade se confunde com as papelarias ou lojinhas de armarinhos, locais de conveniência, de compra por caderneta, para satisfazer as necessidades mínimas de uma população carente em todos os níveis de existência. A maior concentração de livrarias está na faixa litorânea das regiões sudeste e sul do Brasil mais desenvolvido economicamente, reproduzindo em pleno século XXI as experiências dos intérpretes do Brasil do XIX e início do XX, que apontavam a dualidade entre a faixa litorânea e o interior (ou sertão) na produção cultural. Essa mesma dicotomia permanece no universo do livro.

Edita-se anualmente em torno de 38 mil títulos, número expressivo face ao público consumidor, mas apenas cerca de 10% alcançam sucesso editorial. Situação que aponta para o mercado do livro e dos projetos editoriais como investimento de alto risco. Assim, produzir livros de boa qualidade, de nível intelectual, estéticos e bem editados representa um risco, pois não há perspectiva de retorno.

Os projetos editoriais dizem respeito às demandas ou à criação para determinados nichos da sociedade ou territórios bem específicos de nossas cidades. O fenômeno da indústria cultural voltada para a produção maciça de bens simbólicos é recente e incipiente face aos múltiplos significados em potencial. Os editores, quando almejam o grande público, lidam com a disputa acirrada com as mídias televisiva e radiofônica ou com a concorrência do fenômeno do *best-seller*, isto quando o público é letrado. Raros são os empreendimentos que têm longa trajetória que pouco se anuncia como centenários. Primeiro, porque a história da imprensa e da impressão no Brasil é recente. Não surge com a chegada dos portugueses colonizadores, mas sim com a vinda da família real foragida das ameaças napoleônicas.

Foi com o intuito de dimensionar este cenário do livro na perspectiva dos editores e livreiros que desenvolvemos uma série de entrevistas durante o primeiro semestre de 2007. A proposta fez parte de um projeto que coordenei para celebrar o centenário da Editora *Pensamento/Cultrix*, que contou com a colaboração de uma equipe de pesquisadores e a assistência da Editora e da *Câmara Brasileira do Livro* (CBL). Os dois destaques em termos de abrangência e contribuição para a propostas foram para o presidente da CBL e para o editor Oswaldo Siciliano. Pelo significado que suas palavras expressam sobre o universo do livro, optamos por divulgar a entrevista deste.

* * *

Adilson José Gonçalves - Sr. Oswaldo, por que o ramo de livros e a Siciliano se confundem com o próprio livro? Gostaria que você colocasse como é que começa essa história.

Oswaldo Siciliano - Bom, essa história - Siciliano e livros - começa em 1942, quando o meu pai abriu a primeira livraria na Rua Dom José de Barros, n.º 323, esquina com a avenida São João, onde em 1946 eu comecei a trabalhar à noite. E estudava de dia e ia à noite para a livraria. Então esse foi o início da minha atuação no ramo livreiro, em 1946.

AJG - Como era a situação do livro na década de quarenta, em particular em São Paulo?

OS - Na década de quarenta, São Paulo e o Brasil dependiam muito de Portugal. As editoras portuguesas tinham uma presença muito grande no mercado brasileiro, e nós tínhamos poucas editoras. Eu me recordo de, no máximo, cinquenta editoras nacionais que nós trabalhávamos nessa época. E trabalhávamos com um número maior de editoras portuguesas, de sorte que o livro nacional tomou impulso realmente no princípio dos anos setenta. Quando o livro brasileiro conseguiu deslançar, exatamente quando o livro no Brasil conquistava o mercado e aumentava a sua produção, evidentemente Portugal foi perdendo o mercado brasileiro. Tanto é que hoje, o mercado, de 99,9%, é totalmente dominado por editoras brasileiras. A presença das editoras de Portugal ainda se nota, mas de uma maneira bastante restrita. O problema do livro no Brasil, desde que eu me conheço por gente, é que sempre tivemos o problema do preço. Eu me lembro que na década de cinquenta editores como o próprio Dialuas, o José Olympio, o Pongetti e outros que não existem mais alegavam que eles mesmos reconheciam que o preço do livro era alto. Mas pela simples razão das tiragens serem pequenas, como ainda são, e acresce que o poder de consumo do povo brasileiro sempre foi relativamente baixo, e também a questão que perdura até hoje: somos um país que tem uma educação muito pequena. Então a situação do livro brasileiro, tanto no momento, tanto na sua raiz, não difere das da década de quarenta,

cinquenta e sessenta, porque os problemas persistem. Mesmo com a atuação do governo nos últimos vinte anos, a situação do livro no Brasil continua num estágio ainda a desejar, e, evidentemente, nos anos noventa principalmente, com o grande desenvolvimento da tecnologia, da Internet e outras coisas mais, o livro vem sofrendo uma concorrência, porque a juventude, sem dúvida alguma, está dando prioridade a algo onde ela encontra prazer mais imediato do que o prazer que a leitura pode lhe proporcionar. Então a situação do livro no Brasil pouco difere entre hoje e cinquenta anos atrás.

AJG - Se há pouca diferença entre a condição de mercado, a situação do leitor, a condição cultural, educacional e pedagógica do povo, qual é o sentido da ampliação, da dilatação das lojas em determinados lugares?

OS - A verdade é que o livreiro, o editor, nós somos apaixonados pelo livro, nós vivemos por paixão; esta é uma atividade difícil, onde você não obtém resultados imediatos. O resultado de uma editora, de uma livraria é a médio e longo prazo. Mas isso é uma questão de amor, é uma questão de dedicação plena, eu diria até que é um vírus, e não há antibiótico que resolva o nosso problema. Nós nascemos nesse meio e vamos morrer nesse meio. Agora, a verdade é que o Brasil ainda está para ser conquistado, pelas editoras e pelas livrarias. Hoje a venda através da Internet melhora um pouco esse quadro, mas é uma venda fria, uma venda sem amor, sem comunicação.

AJG - Porque o produto livro precisa disso. O papo com o livreiro é importante!

OS - O Brasil é um país - acabou de ser feita uma pesquisa - e está-se atingindo hoje o número de três mil livrarias, mas, diga-se de passagem, que uma grande parte, a metade ou até mais da metade desse número é composta de livrarias muito pequenas, livrarias que têm uma seção de papelaria anexa, mas livrarias, na realidade, o Brasil tem mesmo na faixa litorânea, digamos de cem quilômetros do litoral para o interior, principalmente nas regiões sudeste-sul, onde está concentrado o grande número de livrarias que o Brasil possui. De sorte que o amor por uma atividade, a dedicação que os editores e uma grande parte dos livreiros têm, é como se se amasse a própria vida. Agora, na parte de resultados, nós, por exemplo, nunca pensamos em resultados financeiros. A gente foi trabalhando, foi ampliando e assim como muitos, porque se você pensar em resultados você não faz nada. Mesmo para um editor hoje, editar um livro no Brasil continua sendo um risco; olhando para o lado do retorno é sempre um risco. Você pode editar todos os livros e todos têm um grande valor, todos! Agora poucos são os que dão satisfação aos editores, muito poucos. O Brasil hoje edita uma média de trinta e oito mil títulos por ano. Desses títulos todos, eu acredito que, talvez se 10% desses títulos chegarem com sucesso no mercado acho que é muito até, muito...

AJG - Voltando um pouco no tempo, Sr. Osvaldo, com a fundação da CBL, lá atrás, junto com o Sr. Diaulas... Será que melhorou naquele período e hoje estamos colhendo alguns daqueles frutos na atualidade? O senhor poderia falar sobre aquele período da fundação da Câmara Brasileira do Livro e relacioná-la com os dias de hoje?

OS - Bom, a Câmara Brasileira do Livro foi fundada em 1946 e entre os fundadores está o Sr. Diaulas (inclusive ele foi presidente da CBL no período de 1957 à 1959) e nessa época o Diaulas - vocês devem conhecer de nome o Prêmio Jabuti - conseguiu reunir artistas na ocasião e chegaram à conclusão de criar a estatueta do Prêmio Jabuti. Bem, mas a CBL foi criada porque, como sempre, o livro no Brasil, parece-me, nunca gozou de uma satisfação por parte de ações do governo

AJG - ...nem com o nosso quixotesco Lobato, não é?

OS - Então os editores e os poucos livreiros na década de quarenta, sentindo essa dificuldade - porque havia leis, uma burocracia para a importação de papel, uma taxaço no papel do livro, e era um momento que o país pulsava com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial - então os editores na ocasião sentiam que vinha um desenvolvimento econômico e o Brasil, naquele tempo, se não me falha a memória, tinha 40, 45 milhões de habitantes. E esses editores previam um aumento da população, o desenvolvimento da indústria no Brasil e se preocupavam com o índice de analfabetismo, que ainda era grande... então os editores precisavam se reunir para encontrar soluções, trocar opiniões em favor do desenvolvimento do mercado do livro no Brasil. Na realidade, desde aquela época até hoje, a principal meta da Câmara Brasileira do Livro é a expansão do mercado de livros no Brasil, foi e continua sendo. Naquela ocasião, na década de quarenta e começo dos anos cinqüenta, nós tivemos uma primeira Feira do livro em São Paulo, então você percebe que havia uma preocupação dos editores em fazer algo para que o livro chegasse com maior facilidade ao público. Nós tivemos feiras, naquela época, no Vale do Anhangabaú, na Praça da República. Então a CBL continua hoje tendo os mesmos desafios, em outras proporções evidentemente, mas com os mesmos desafios de quando ela foi criada.

AJG - O que há de diferente?

OS - Por exemplo, naquela ocasião, lutava-se para conseguir a imunidade do livro. Em 2003 a CBL lutou para conseguir a desoneração do PIS-COFINS em cima do livro. Então há uma convergência, os problemas continuam os mesmos. A CBL exerce esse papel, pois temos problemas com a importação do livro, que anteriormente já tivemos e há pouco tempo voltamos a ter, por exigência do Banco Central. Remessas de dinheiro, essas coisas. Os problemas são os mesmos daquele tempo. E a Câmara Brasileira do Livro, já naquela época, enfrentava os problemas, que pouco diferem de hoje, só que hoje os problemas têm uma maior proporção. Universitários, o Brasil tem quase cinco milhões.

Naquela ocasião existiam sete universidades ou faculdades de Medicina, me parece que cinco no Brasil à época. De Direito tinham quatro.

AJG - É como o nosso amigo Cosmo Juvela, da editora Meca, nos falou: antes tínhamos 62 milhões de habitantes e hoje temos 62 milhões de estudantes!

*OS - E o livro hoje, por exemplo... Às vezes o livro de ficção e não-ficção sofre uma interferência do Ministério da Educação. Há pouco tempo o MEC resolveu editar ficção. Criaram lá um concurso e eu como presidente da *Câmara Brasileira do Livro* quis enfrentar o problema e não consegui. Fizeram esse concurso e ganharam dez autores. Daí o Ministério da Educação, sem fazer licitação, sem fazer nada para que os editores, para que a iniciativa privada pudesse competir para publicar os livros, editar os livros... O que faz o MEC? Ele mesmo arruma uma gráfica, uma editora e lançou os livros; sem consultar livreiros, sem nada. Eu então como presidente da CBL entrei em contato com o MEC, mas a pessoa responsável por isso, não consegui falar com ela porque não me atendeu...*

AJG - Referente a isso que o senhor está falando, será que nesse período de expansão nos anos setenta a relação entre os anos de chumbo e editores como Ênio Silveira, Carlos Lacerda, Jacob Ginsburg, Editora Paz e Terra, Alfredo Machado e o próprio Diaula, o Jorge Zahar... Será que estamos precisando hoje de uma nova catástrofe e gente de peso como essas para levantar o livro? Como o senhor vê hoje em dia?

OS - Nós temos gente de peso, como autores, editores e livreiros, mas não temos voz, é muito pouca, lamentavelmente...

AJG - E o que acontece hoje que não conseguimos colocar para fora essa voz, Sr. Oswaldo?

OS - Nós falamos... Eu falei muito durante quatro anos mas ninguém deu ouvidos. As coisas estão determinadas. Você pode até conversar, mas está tudo pré-determinado. É uma liberdade vigiada...

AJG - Essa liberdade vigiada, essa liberdade condicional que vive o mercado de livros, para o livreiro, o editor e o autor, ela diz respeito a uma situação de crise... eternamente. Uma crise estrutural. Se ela vive uma crise permanente, ela vive também uma outra situação: uma tipologia de livros, não de uma tipografia e de um mercado - uma tipologia de livros que tem aceitação e uma tipologia que não tem aceitação. Provavelmente os nossos livreiros, editores e autores estejam à frente do nosso tempo, ou seja, escrevem algo que leve a uma mudança da realidade, mas não interessa muito essa realidade, porque como você mesmo falou, a questão da cultura do povo, da educação do povo, a questão de uma cultura que não é a cultura livresca. Uma cultura da gravidade e da imagética; a imagem de movimento pela TV... Com o quê nós estamos competindo? É com a cultura de massa, com o lobby da cultura de massa...

OS - E é preciso educar essa massa, porque isso vem desde o rádio, talvez desde a Proclamação da República (risos), ou antes. O problema do livro ainda é muito sério no país.

AJG - *Com duzentos anos de Imprensa, nós não temos a liberdade de imprensa no sentido de livremente estar atuando e propor para desenvolver a cultura do livro...*

OS - Veja por exemplo o número de bibliotecas que o Brasil possui, é muito reduzido. Você pega países do primeiro mundo e países até emergentes no momento como o Brasil; os governos dão uma atenção extraordinária à criação, a criação de bibliotecas. Veja o que está acontecendo na Colômbia: agora três governadores do Brasil foram conhecer a revolução na Colômbia e se depararam com um problema: o governo da Colômbia resolveu fazer bibliotecas nos lugares mais violentos das principais cidades, principalmente em Medellín e em Bogotá. Foi uma das armas para ver os jovens voltados para o livro, para um entretenimento sadio, e esse jovem no lugar de ficar um marginal na rua, assaltando, ele fica dentro da biblioteca, mexendo no computador, desenhando e de repente ele pega um livro e aí muda a cabeça. É o que aconteceu na Colômbia, e os três governadores, o do Rio de Janeiro, de Minas e mais outro, que não lembro agora, foram lá para conhecer... O que está acontecendo que a Colômbia melhorou? O índice de criminalidade diminuiu 80% lá.

AJG - *Um caso nosso em particular é Curitiba.*

OS - Tudo bem, mas o que é Curitiba para o Brasil inteiro? O desenvolvimento, o número de bibliotecas hoje na Colômbia demonstra que se lê 5,4 livros por habitante-ano. No Brasil se lê 1,8. Na Colômbia, de dois anos para cá, a população está lendo 5,4 livros. Então, na hora em que o governo realmente ensinar a pescar, porque apenas dar cria vagabundo. Ensinando-se a pescar, aí o livro no Brasil encontrará a sua meta ideal.

AJG - *E dentro desse mercado restrito, desse ambiente contido e controlado, qual é a tendência livresca ou literária ou de projeto editorial? Qual é a tendência dentro da produção e de linha que tem uma aceitação maior e desde quando? Se eu posso dizer que os nossos clássicos são aqueles que se lê em sala de aula, então nós não temos clássicos...*

OS - Bom, há pouco mais de dez anos, digamos há quinze anos, no mercado apareceram os livros de auto-ajuda e foi uma surpresa geral ...

AJG - *Um grande expoente da Pensamento e da Cultrix, já com o Sr. Diaulas lá atrás.*

OS - Exatamente. E há quinze anos isso tomou outro vulto e continua até hoje.

AJG - *Seria essa a razão do sucesso para uma editora como a Pensamento fazer 100 anos? O fato de já ter visto isso lá atrás?*

OS - Talvez. A editora Pensamento descobriu um nicho que atendia a necessida-

de do ser humano já naquela ocasião. “O poder do pensamento positivo”, por exemplo, “Hei de vencer” e outras obras semelhantes e que contribuíram para a Pensamento agora completar 100 anos. E hoje continua esse nicho muito bem colocado no mercado brasileiro. Agora existe um desenvolvimento muito grande no mercado de livros que acompanha esse desenvolvimento da tecnologia, então os livros de Informática hoje têm uma procura, uma demanda muito grande, com o selo Berkeley e outros. Então, na verdade, a população quer saber de literatura em geral. As mulheres, por exemplo, que são as grandes compradoras de livros: 65% das vendas são feitas para mulheres.

AJG - Será que é por isso o sucesso da editora Pensamento, com livros de auto-ajuda, de astrologia, de bruxaria?

OS - Não. Porque, por exemplo, o Almanaque do Pensamento é um sucesso no interior? Eu não conheço agricultor que não compre todo ano o Almanaque do Pensamento, até hoje. A Siciliano, por diversos anos seguidos comprou dez mil exemplares do Almanaque e havia tiragens de quinhentos mil. Então é assim, com toda a situação que o país atravessa eu creio piamente que o livro terá vida longa, não haverá traumas nem vendáveis, o livro continua. Agora, nós precisamos pôr mesmo na cabeça da juventude, desses estudantes universitários, esses jovens que têm a felicidade, a sorte de poderem estudar no país, para que eles se achem um pouco mais aos livros, de uma maneira normal, como eles pegam um copo de cerveja...

AJG - Mas quanto ao alto preço do livro? Porque é mais fácil chegar num copo de cerveja do que num livro.

OS - Mas um copo de cerveja desgasta a sua saúde. E na verdade o livro não é caro. Você e eu temos uma receita pequena, que não é justa. Pergunte a um professor... ah! Eu li uma pequena reportagem hoje da Heloísa Helena, que estava dando aulas numa faculdade de Enfermagem, lá em Alagoas e no fim da reportagem ela faz menção aos tristes salários dos professores. Os professores, mais do que você, eu e os outros estudantes todos, necessitam e não têm condições financeiras para comprar um livro que eles precisam. O livro no Brasil acompanha o preço dos Estados Unidos, da França, da Alemanha. É que o nosso poder de aquisição é muito baixo. É só esse o problema. Eu vou lhe dar um exemplo: esse livro o “Código Da Vinci”, no ano passado eu estava na Espanha e entrei numa livraria e vi que em euros na Espanha, o “Código Da Vinci” é mais caro 30% do que aqui no Brasil. É que, o professor daqui deveria receber três vezes mais do que ele recebe. E o salário mínimo deveria ser de mil reais, só que o custo de vida deveria permanecer como está. A primeira coisa que vai aumentar é o custo do metrô. Eu conversei com uma pessoa que chegou dos Estados Unidos ontem, com quem eu tomei um café, e ela disse que ficou andando no metrô em Nova Iorque umas cinco vezes por dia, trocando de estações, com

o mesmo bilhete. Aqui você não vê o carnaval que fizeram, vendendo-se 20 passagens de uma vez só, no lugar de se pagar como lá. Então, não é que o livro seja caro, porque pouca gente sabe quando custa para se produzir um livro...

AJG - Qualquer livrinho simples, vinte mil reais ...

OS - Nós, no Brasil, continuamos com tiragens de quarenta anos atrás: duas mil, três mil, no máximo. Nos Estados Unidos, uma editora, quando edita um livro, 30% da tiragem as bibliotecas compram. Se ela puxa 50 mil exemplares na primeira tiragem, 15 mil ela já vendeu para as bibliotecas e já pagou a edição. Também na Argentina o livro é mais barato porque o governo obriga a usar papel reciclado.

AJG - Todo meio de comunicação na Argentina usa papel reciclado

OS - O problema é que a América Latina é um problema (risos)! A América latina é um problemaço!

AJG - Isso porque seguimos o exemplo da Europa. O livro no Brasil não pode custar o mesmo que na Europa. Talvez seja esse o erro?

OS - Não, o erro é que você ganha dez como editor e deveria ganhar 50. E o autor ganha *nada*, o autor, “coitado” - coitado é força de expressão - essa é uma profissão de dedicação e de amor, porque de amor o homem também vive...

AJG - E hoje esse mercado ainda é dominado - entre aspas - pelos livros de “melhor viver” e o melhor viver não é o melhor em sociedade e na relação com o humanismo? Lá atrás isso também ocorreu, houve determinados momentos em que nós tivemos uma predominância do literário. Hoje o literário foi substituído pelo best-seller como a obra Código Da Vinci. E nós chegamos no mercado latino-americano; nós estamos no México, estamos na Venezuela, na Colômbia, na Argentina, no Uruguai, no Chile... Estamos tendo uma representação significativa lá fora e os autores latino-americanos não têm representação expressiva aqui. É um ou outro, é como se nós virássemos as costas para a América Latina e olhássemos muito para os Estados Unidos e Europa.

OS - É por causa dos negócios, do interesse comercial. Essa é a verdade. É a publicidade que a imprensa do mundo propicia um lucro maior, mais imediato e um resultado que convém.

AJG - E o mercado universitário, o que significa?

OS - Bom, o Brasil hoje possui 102 editoras universitárias, o que é uma maravilha. Só que existe uma deficiência entre elas mesmas, na distribuição, e têm uma distribuição muito pequena nas livrarias. Elas trabalham com elas mesmas. Nós temos hoje editoras em todas as universidades, no norte, no nordeste...

AJG - Nós temos a nossa editora da Universidade Católica de São Paulo e não es-

tamos conseguindo manter as nossas revistas. O custo é impraticável. É uma revista de renome. Há uma demanda internacional pela revista e estamos com dois números sem poder editar porque não temos recursos. A todo o momento é um problema que se apresenta. E se temos a revista editada, não temos como fazer circular.

OS - É, o problema de circulação, do livro e das revistas, ainda é muito sério no Brasil.

AJG - *Diga-me uma coisa: a editora Pensamento... Qual o significado e a importância da editora Pensamento/Cultrix no mercado editorial brasileiro, melhor dizendo, a Pensamento-Cultrix?*

OS - Eu tenho a impressão que a *Pensamento/Cultrix*, as duas estão numa média entre as 50 maiores editoras do país que produzem constantemente, editando, lançando livros e, portanto têm uma representação muito boa no mercado brasileiro. Eu diria que ela está entre as maiores editoras do Brasil. Mas sabe o que acontece? Vamos dizer que uma editora, vamos dizer a *Pensamento*: se ela lançasse hoje o “Hei de vencer”, imaginemos... estouraria. Mas a *Pensamento* é uma editora que tem um fundo de catálogo muito bom e isso faz com que ela fique numa posição muito boa no mercado, além do que ela está lançando novos livros todos os meses. Em função disso também, a posição da editora é muito boa no mercado. Eu não posso dar uma posição correta, mas, como disse, está entre as 50 maiores.

AJG - *O senhor poderia nos falar um pouco sobre a relação do seu pai com o Diaulas Riedel? Como era?*

OS - A relação do meu pai com o Diaulas foi pequena. Eu é que tive uma grande relação com o Diaulas. Nós, até os anos sessenta, um pouco mais, comercializávamos os livros da *Pensamento* através da *Catavento*. Acontece que em 1962 a *Siciliano* abriu a sua sexta livraria na cidade de São Paulo. Daí então eu fui conversar com o Diaulas lá no Largo São Paulo - ainda era lá - e aí que começa o nosso relacionamento realmente, porque eu conheci o Diaulas, para ser bem sincero, em novembro de 1958, num dia 27. O Diaulas, juntamente com o Leandro Meloni, aparece numa inauguração, quando nós fizemos uma grande reforma. A loja estava toda nova, na rua Dom José de Barros. E fizemos a inauguração, e o Leandro foi quem trouxe o Diaulas. Mas em 1962 nós abrimos nossa sexta livraria na Rua Teodoro Sampaio e nós já tínhamos uma logística: tinha carros para levar os livros para Santo André, São Bernardo, para Osasco. Então eu fui conversar com o Diaulas para pleitear uma melhoria nas nossas transações comerciais. E de fato o Diaulas entendeu e passamos então a ter condições diferenciadas; deixamos de ser atendidos pela *Catavento* e passamos a trabalhar diretamente com a *Pensamento*. Eliminou-se o intermediário e foi boa para nós e para ele, porque nós estávamos começando uma rede de

livrarias, então o trabalho do intermediário nós fazíamos também. Nós tínhamos também um depósito, tínhamos carros, então fomos aumentando as livrarias. Os negócios com o Diaulas e com todos os editores foram fluindo bem e assim o relacionamento do Diaulas comigo foi um relacionamento diferenciado - diferenciado pela espiritualidade do Diaulas. Quando visitava o Diaulas para falar de qualquer assunto, de repente enveredávamos para assuntos de religião, conversávamos sobre a história do Cristo. Lembro-me muito de conversas, quando nós queríamos saber onde Cristo esteve desde os doze anos de idade; então as nossas conversas sempre tiveram um fundo espiritual. Isso já quando eles (a editora) mudaram do Largo São Paulo para a Liberdade, rua Conselheiro Furtado e a partir dos anos oitenta para a rua Mário Vicente, no Ipiranga. E o nosso relacionamento sempre foi muito suave, muito bom. O Diaulas foi um mestre. Ele era um editor diferente, pela própria linha do que ele editava, ele vivia aquilo que ele editava, e me contava que recebia padres que iam lá conversar com ele sobre esse ou aquele assunto, sobre um livro que ele tinha editado, porque tinha um fundo de espiritualidade elevado, religioso. Os padres iam lá para trocar idéias, discutir, divergir. Além disso, o Diaulas e eu tivemos almoços freqüentes no *Le Casselore*, no Largo do Arouche, e para pagar a conta do almoço, nós apostávamos no *palitinho* (risos) e eu quase sempre perdia... Não sei se ele me tapeava, mas quase sempre ele ganhava, não sei se ele era médium (risos). Não sei lhe falar, mas o nosso relacionamento com o Diaulas, comercial, se diferenciou dentre todos os editores. Era um relacionamento diferente, havia um tratamento entre nós, não sei se porque eu também sou uma pessoa dedicada à religião, mas havia uma facilidade de conversa, de pontos de vista não muito divergentes. E está aí a Dona Terezinha que pode dizer e ser prova disso tudo, sobre as visitas que eu fazia ao Diaulas e dos almoços no *Le Casserole*, e tantas vezes o Leandro esteve conosco. O Diaulas foi um editor que contribuiu muito para o desenvolvimento do livro no Brasil e editou sempre uma linha sadia, em todos os pontos de vista. Se você pega o catálogo dele, tanto da *Pensamento* quanto o da *Cultrix*, você não vai encontrar nada que decepcione. A linha da *Cultrix*, por exemplo, quando ele lançou as grandes biografias, as coleções, todas eram obras diferenciadas e de conteúdo. Ele colaborou muito para o desenvolvimento do mercado de livros, também pela sua maneira de conduzir o negócio; ele não via somente o cifrão, ele tinha prazer em editar coisas de primeira grandeza. Eu, pelo menos, sempre tive um tratamento excelente e nós, quando fomos para o Rio de Janeiro, demos uma expansão muito grande para as obras da *Pensamento* e da *Cultrix* lá. E mesmo quando fomos para outras grandes capitais do Brasil. De sorte que o nosso relacionamento: *Siciliano*, *Pensamento*, *Diaulas* e *Cultrix*; eu considero um relacionamento sadio e benéfico para o livro.

AJG - Hoje o senhor que é um dos livreiros mais antigos de São Paulo. Pode nos

contar um pouco sobre o que é a presença da editora Pensamento-Cultrix na livraria Siciliano?

OS - É curioso. Vamos falar aqui no ABC: a *Siciliano* tem livrarias em Santo André e em São Bernardo, temos quatro livrarias nessa região, e, variando de local, há uma pequena variação na procura dos livros. Agora de uma maneira geral, é muito pequena a diferença que tem nessa loja, localizada aqui em Higienópolis, com uma loja localizada no metrô Tatuapé. Nós temos livraria lá também, além de uma no metrô Santa Cruz. Então não é grande a diferença. O interesse do público é mais ou menos similar com relação à *Pensamento/Cultrix*. A diferença entre ABC e capital é muito pequena. O mesmo que nós vendemos em Fortaleza - nós temos duas livrarias em Fortaleza - lá tem o que tem nessa loja. As livrarias de Fortaleza estão localizadas no Shopping Iguatemi ou como em Salvador...

AJG - *Todo mundo que teve um relacionamento com o Sr. Diaulas absorveu um pouco da forma dele ser. Como é que o senhor absorveu isso e conseguiu colocar essa forma dele ser na Siciliano?*

OS - Não, isso não... O problema entre o Diaulas e mim foi uma questão de encontro espiritual, nisso o nosso relacionamento foi diferente, mesmo porque eu não participava das compras da *Siciliano*. A minha função na *Siciliano* era outra: eu fui um grande *relações* para a *Siciliano*. Eu expandi a *Siciliano*, a minha preocupação era outra. Eu tinha que ter um relacionamento com os editores, diferente do negócio. Era algo gozado, tinha que ter jogo de cintura. Você tendo que se adaptar entre gregos e troianos... É você que tem que se adaptar. E eu me adaptei muito com o Diaulas, como eu já falei, por princípio religioso... Eu estudo religião até hoje, tenho um grupo religioso que se reúne a cada quinze dias, nós estudamos a religião. É por isso que meu relacionamento com o Diaulas foi uma coisa pessoal, eu nunca me envolvi no departamento de compras. Assim como hoje o José Vicente. Na época quando o Diaulas morreu, eu lidava com o Ricardo. Como? Nós íamos almoçar aqui perto e o relacionamento era outro, mas no *palitinho* ele também ganhava e eu entrava bem.

AJG - *O que o senhor achou das publicações da editora Siciliano na área em que ficou famosa a Pensamento?*

OS - Já vendeu bem, mas se chegou a vender metade do que a *Pensamento* vende, foi o máximo.

AJG - *O que da editora Siciliano, em termos de catálogo, atingiu mais o público? E depois: o que atingiu mais os editores e sensibilizou mais os escritores no catálogo da Siciliano?*

OS - Foi literatura em geral e muita coisa do exterior. Editou-se muito pouco autores

nacionais, essa é a verdade. E livros infantis: ainda hoje a *Siciliano* tem uma linha que se chama *Caramelo* e que funciona muito bem esse selo infantil na editora, funciona como estímulo à leitura.

AJG - Vamos voltar agora para uma coisa muito interessante que é quase um enigma para nós que estamos perguntando, porque infelizmente eu não tive o prazer de conhecer o Sr. Diaulas, só o Ricardo Riedel. Assim, é um consenso geral quando todos que fazem um discurso sobre o Sr. Diaulas, como o senhor acabou de falar.. A que se deve essa unanimidade, o que o senhor acha disso? Não teve um discurso que destoasse...

OS - O alto desenvolvimento espiritual como ser humano do Diaulas. Um empresário com um desenvolvimento espiritual e humano elevadíssimo. É assim que eu posso classificar: um empresário do livro, um homem culto e com um sentido de humanidade diferenciado, universalista. Esse foi o homem Diaulas.

AJG - E o homem Diaulas universalista e a cultura brasileira, como podemos correlacionar isso? Pensando num nível da espiritualidade que é afro-brasileira, afro-descendente, que é do caboclo, que é do indígena, ela aparece pouco no catálogo, aparece de forma periférica...

OS - O pai do Diaulas estava voltado para outra linha espiritual, esse era o problema, e com uma convicção plena: “estou bem, estou feliz, vou contribuir para a felicidade dos outros”, era essa linha...

AJG - Agora, qual a mensagem que você gostaria de deixar para nós, enquanto pessoas que estão pesquisando a trajetória de uma editora e desdobrando a trajetória da Imprensa no Brasil?

*OS - Eu acredito que a contribuição da editora *Pensamento*, voltada para o seu segmento editorial é a maior contribuição que ela oferece graciosamente ao desenvolvimento cultural do Brasil...*

AJG - Em termos da história da cultura brasileira, da história da cultura do livro, a grande contribuição é o desenvolvimento espiritual, espiritualista, aos moldes do que ela desenvolve, independente de não cobrir outras tendências?

OS - Ela parece que não está preocupada, digamos assim, com uma possível concorrência de outros meios. Ela está tranqüila, é isso. E foi assim que eu senti desde o primeiro dia em que fui falar com o Diaulas lá no largo São Paulo. Eu cheguei lá a primeira vez, naquele prédio maravilhoso, enorme. Parecia que você estava entrando num templo religioso - infelizmente derrubado pelo prefeito Faria Lima - mas o que vamos fazer... É o “progresso” que destrói e pouco constrói. Então é isso que a editora continua proporcionando à cultura brasileira, voltada para uma linha diferenciada.

AJG - E o Oswaldo Siciliano hoje, falando sobre a editora e sobre a Siciliano?

Com a palavra, o editor Oswaldo Siciliano

OS - Eu, embora esteja aposentado, para mim, são momentos com vocês, momentos de felicidade, de alegria, que me transportaram para as décadas de cinquenta, sessenta, setenta, oitenta... É um momento precioso na minha vida, que inclusive dá até um sentido à minha própria vida.

AJG - Estamos muito felizes por ouvir isso! Muito obrigado!

Autorizada para publicação em outubro/2007.